

PESQUISAR EM PSICOLOGIA: ALGUMAS REFLEXÕES

RESEARCHING IN THE FIELD OF PSYCHOLOGY: SOME REFLECTIONS

Idonézia Collodel Benetti¹

Resumo

O presente trabalho, de cunho bibliográfico, tem a pretensão de tecer algumas considerações sobre o pesquisar em Psicologia, abordando questões que envolvem as análises quantitativa e qualitativa em pesquisa, uma vez que em ciências sociais, incluindo a Psicologia, há um movimento em favor do uso concomitante destes dois tipos de análise, em detrimento de paradigmas isolados e a favor de uma maior amplitude de informações, que a utilização de técnicas multimodais pode oferecer. A intenção é ilustrar o assunto de maneira didática, a fim de favorecer, principalmente, aqueles que estão iniciando na área da pesquisa.

Palabras-clave: Pesquisa qualitativa; Pesquisa quantitativa; Psicologia; Reflexões.

Abstract

The present work, which is bibliographic in nature, intend to delineate some reflections about research in Psychology, focusing on issues that involve quantitative and qualitative analysis in the social sciences, including the psychological field, since there is a movement in favor of the concomitant use of these two types of analysis, instead of isolated paradigms, signaling greater breadth of information that the use of multimodal techniques can offer. The objective is to illustrate the research subject in a didactic manner, in order to promote a better understanding, especially for those who are starting in this area of knowledge.

Keywords: Qualitative research; Quantitative research; Psychology; Reflections.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Psicologia Florianópolis – SC Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Campus Universitário – Trindade – Florianópolis – SC CEP: 88040-500. Fone/Fax: (0xx48) 3721-9984. Email: idonezia@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Debulhar o trigo

Recolher cada bago do trigo

Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão.”

(Cio da Terra – Chico Buarque/

Milton Nascimento)

Pesquisar é uma das formas de conhecer e compreender fenômenos. É um processo que envolve formulações de hipóteses e questionamento sistemático com a finalidade de coletar, usar, analisar, e interpretar dados. Nestes termos, a natureza do conceito de “pesquisa” também é influenciada pelo arcabouço teórico e pela importância que o pesquisador coloca ao distinguir o tipo de pesquisa a realizar. Em outras palavras, o ato de pesquisar pode envolver critérios para satisfazer curiosidades cotidianas do senso comum e para realizar pesquisas empíricas, que são o foco deste trabalho, e sobre as quais falaremos de agora em diante.

Em linhas gerais, e academicamente costurando os pontos que dão sentido a uma investigação científica séria, conduzir um trabalho de pesquisa se constitui em um exercício sistemático porque envolve: a) o pressuposto de que pesquisar está relacionado ao ato de produzir conhecimento, b) o reconhecimento da complexidade do fenômeno que se deseja investigar, b) a indissociável relação entre referencial teórico-epistemológico, método e problema de pesquisa, e c) a preocupação com o exercício da ética.

Então, o sucesso que envolve a empreitada de produzir conhecimento depende da confluência de habilidades éticas, conceituais, metodológicas. Neste breve trabalho, que pretende ser de cunho didático e endereçado principalmente para aqueles que estão debutando no fascinante mundo da pesquisa, algumas reflexões se-

rão tecidas em torno do exercício de pesquisar, enquanto produção de conhecimento e compreensão da realidade em Ciências Sociais/Psicologia.

APONTAMENTOS E REFLEXÕES

Inicialmente faz-se necessário salientar que, neste trabalho, serão abordadas apenas as pesquisas qualitativa e quantitativa, já que inúmeros trabalhos científicos se valem destes dois tipos de análise para informar seus achados. A primeira se caracteriza por testar hipóteses baseadas em uma amostra de uma determinada população, usando recurso de análise estatística para o tratamento dos dados coletados, na tentativa de descrever, matematicamente, as relações entre as variáveis, convertendo as observações sobre o fenômeno em números. A pesquisa qualitativa, por sua vez, enfatiza a explanação, descrição verbal do comportamento humano, tentando descobrir o profundo significado e importância dos comportamentos e das experiências, incluindo crenças e emoções (Creswell, 2009).

A propósito do uso da análise quantitativa e qualitativa, há que se considerar a maneira de fazer ciência até meados do século XX, que privilegiou os trabalhos com base experimental, com resultados expressos em números, favorecendo a elaboração de instrumentos de medidas e os procedimentos baseados em controle de variáveis. Assim, o que legitimou o conhecimento científico deste período foram os critérios de objetividade, neutralidade e generalidade, que levavam “com frequência à rigidez e ao reducionismo” e às pesquisas que, apesar de corretas e perfeitas, muitas vezes eram “desprovidas de significado e validade” (Biasoli-Alves, s/d).

Mas ventos diferentes começaram a soprar no mundo da pesquisa, quando caminhos alternativos tiveram que ser delineados, a fim de dar conta, de uma maneira holística, do objeto de estudo inserido e pertencente a um determinado contexto e realidade. A partir daí, ficou objetivado o anta-

gonismo entre o quantitativo – considerado apropriado para a investigação nas Ciências Naturais – e o qualitativo – recomendado para os estudos em Ciências Humanas e Sociais. Ficou declarada a “guerra” entre as ciências, sendo que a estatística emprestou a produção de seu conhecimento respaldando o antagonismo entre qualitativo e quantitativo, em nome da objetividade, precisão, e fidelidade à realidade investigada.

Porém, há os que se surpreendem que “a estatística – ciência do erro e do conhecimento próximo que, em procedimentos tão usuais quanto o cálculo do erro ou dos limites de confiança, coloca em ação uma filosofia da vigilância crítica – possa ser utilizada como álibi científico da submissão cega ao instrumento” (Bourdieu e col., 2004, p. 20). Como estes autores, muitos criticam que a pesquisa com humanos possa ser reduzida a apenas números e advogam que a exatidão estatística não é a única verdade em pesquisa, uma vez que não é possível contentar-se em simplesmente “contar” unidades de comportamento, quando a intenção é captar, empiricamente, todos os complexos de vivência (Denzin e Lincoln, 1994).

É importante salientar que essa dicotomia foi historicamente marcada pelo “lugar” e “posição” de quem pesquisava e, portanto, a preferência pelos procedimentos metodológicos e epistemológicos relativos às Ciências da Natureza se deve ao fato de que, por um longo período, as práticas e o discurso da ciência estiveram atrelados a este campo do conhecimento. Vale enfatizar que muitos há, ainda, que colocam a supremacia de um método sobre outro, olhando a pesquisa qualitativa como inferior ao comparar à quantitativa. Dentro desta perspectiva, é necessário que se problematize o caráter hegemônico e homogêneo dispensado à pesquisa durante esse período, uma vez que é um equívoco colocar diferenças e singularidade, peculiares das diferentes linhas de pesquisa em Psicologia, sob a mesma rubrica.

Neste sentido, vale salientar que as escolhas metodológicas, e definição dos procedimentos a serem usados na coleta de infor-

mações e análise de dados, passam antes de tudo pelo “problema de pesquisa”, que é determinado pela revisão da literatura do assunto a ser pesquisado. Então, não é simplesmente uma escolha de métodos e procedimentos de análise; os pesquisadores devem fazer suas escolhas baseados no problema a ser estudado, na literatura escolhida, e em suas suposições sobre a realidade e a natureza do conhecimento que está presente implicitamente e/ou que está explicitamente reconhecido. Cada pesquisa demanda uma necessidade metodológica e uma cobertura adequada do fenômeno estudado requerendo, em muitos casos, um “pluralismo metodológico” (Bauer e Gaskell, 2002). A natureza da questão de pesquisa deve ditar o tipo de dado a ser coletado e o que fazer com eles após a coleta.

Assim, pode-se afirmar que há territórios distintos, mas não excludentes, uma vez que existem muitos casos em que o aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos, e há problemas fundamentalmente pesquisados em estudos analisados qualitativamente, que podem ser comparados com a leitura de dados estatísticos (Richardson, 1999). Neste cenário, vale detalhar que neste solo reside a relevância de se reconhecer a complexidade da situação/realidade a ser investigada. Isso faz com que o pesquisador transcenda barreiras e fronteiras em relação aos procedimentos e práticas da pesquisa e utilize diferentes técnicas e referenciais de análise. Resumindo, se o problema a ser averiguado remete o pesquisador à(s) pergunta(s) de pesquisa e, conseqüentemente, ao solo teórico, epistemológico e ético do tema a ser investigado, então é importante sublinhar, mais uma vez, que não existe a “melhor técnica” ou o melhor método e, sim, um conjunto metodológico adequado ao estudo que se quer realizar.

ILUSTRANDO AS REFLEXÕES

Para ilustrar o presente estudo, foram selecionados três artigos de diferentes revistas, a saber: Psicologia em Estudo,

Psicologia – Teoria e Prática e Psicologia Reflexão & Crítica. O critério de escolha baseou-se na última avaliação da Qualis/CAPES², que estratificou e estabeleceu a classificação destes periódicos em A2, A2 e A1, respectivamente, e foi, então, priorizado o ranking mais elevado. Para trazer o aspecto recente do assunto em estudo, os artigos em referência são dos anos: 2009, 2009, e 2011. Assim, no afã oferecer aos leitores maior clareza sobre o objeto de investigação em pauta, as publicações “Condutas autolesivas entre detentas da Colônia Penal Feminina do Recife”, “Espaços urbanos para (e das) brincadeiras: um estudo exploratório na cidade de Salvador (BA)”, e “Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade” (quadro 1) são trabalhos que ilustram as reflexões aqui delineadas porque:

a) combinam técnicas de análise de dados, com as lógicas indutiva e dedutiva e paradigmas objetivo/subjetivo, como possibilidade de combinação/complementação, formando um continuum interativo, respeitando a diferença lógica entre uma e outra abordagem;

b) trabalham usando a evidência e a comparação dados (data) e tomados (capta), cuja base empírica é constituída por quantidades e qualidades (Patton, 1990);

c) respondem a várias perguntas de pesquisa, já que o pesquisador não está limitado a apenas uma técnica de análise;

d) permitem a generalização de resultados de uma amostra para uma população para ganhar uma compreensão profunda do fenômeno investigado, apresentando vantagens claras quanto à extração de conhecimento máximo sobre os dados e, conseqüentemente, sobre o fenômeno em análise, tentando oferecer maior qualidade da investigação;

e) exploram melhor os problemas que envolvem sujeitos, contextos e proces-

sos, servindo com vantagens à análise da realidade cada vez mais complexa do desenvolvimento humano, com seus novos cenários e desafios;

f) usam a triangulação de dados conseguidos com respaldo de diversas abordagens e por diferentes fontes;

g) superam, ao usar a análise combinada/integrada, as barreiras dicotômicas nesta área, através de procedimentos integrativos entre qualidades e quantidades (Couto, 1999; Newman e Benz, 1999; Laville e Dionne, 1999).

O Quadro 1 pretende, a título ilustrativo, mostrar que, ao se utilizar diferentes e variados instrumentos para coleta de informações, é necessário fazer o uso combinado/integrado de análise qualitativa/quantitativa, uma vez que diferentes instrumentos demandam diferentes tipos de análise de dados. Mostra, também, que uma abordagem mista não necessariamente leva a uma “babel” metodológica; antes, revela a complementaridade oferecida por estas análises.

Conforme a ilustração, dependendo do delineamento da pesquisa, diferentes instrumentos de coleta de dados podem ser utilizados, os quais demandam diferentes tipos de análise. Assim, não existe um único tipo de análise para as ciências sociais/psicologia, mas diferentes maneiras de analisar, que representam formas diferentes de olhar para o mundo – de observar, medir e compreender a realidade social. Nenhum tipo de tratamento – qualitativo ou quantitativo – é melhor ou pior que o outro, porém ambos podem ser úteis aos propósitos daquilo que se pretende investigar.

Vale sublinhar, então, que não é mais possível considerar irreconciliáveis os métodos e análises em pesquisa (Minayo, 1993). A natureza de um objeto (qualidade)

² Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos e anais de eventos.

não se opõe à quantidade. No quesito qualidade/quantidade, a noção de quantidade sempre pressupõe uma noção de qualidade e uma qualidade pode ser quantificável, dadas as medidas adequadas. Neste espectro, é importante destacar que a combinação dos dois tipos de análise não será necessariamente produtiva, a menos que esteja afinada com os objetivos e perguntas da pesquisa, assim como requererá também o domínio, pelo pesquisador, das duas maneiras de se fazer análise.

É essencial realçar que a atividade científica de pesquisa pressupõe a necessidade da existência de um conhecimento organizado e um fazer coerente, como bem ilustra a epígrafe que inaugura este trabalho. Nesta organização faz-se necessária a utilização de diferentes elementos para facilitar a execução da pesquisa, porque toda e qualquer pesquisa, independente do referencial teórico-epistemológico escolhido, requer rigor na escolha e explicitação dos procedimentos para coleta de informações e para a análise dos dados.

Este rigor pode ser traduzido como coerência, pois a escolha de procedimentos não se faz à priori, mas em razão do que se busca investigar e do referencial teórico-epistemológico que sustentará todo o processo. Então, partindo da premissa de unidade indissolúvel entre o metodológico – produção – e o epistemológico – elaboração do conhecimento – e as diversas formas deste conhecimento, veremos que o teor da investigação não se define instrumentalmente, mas epistemologicamente, apoiado no processo de construção do conhecimento.

Em suma, o compromisso com a própria ciência e seu desenvolvimento vai além da preferência pelo método/técnica/abordagem, etc., e a escolha pelo uso combinado/integrado das técnicas só vem depois de delimitado o problema de estudo. Na condição de participe do processo de construção de conhecimento, o pesquisador – produtor e consumidor de pesquisa – enquanto revisa a literatura para elaborar seu trabalho, não deveria se restringir apenas aos resultados de

uma determinada abordagem, dirigindo seu foco para uma modalidade, ignorando outras possibilidades.

Afinal, como nos versos de Chico e Milton – que abrem este espaço de reflexão – não é possível conseguir o pão e se faltar dele, sem que antes se debulhe o trigo e os grãos sofram todo o processo até se tornarem a farinha, necessária para que se chegue ao produto final. O “milagre” do pão não acontece sem que exista uma trajetória coerente e bem trabalhada, que preceda este acontecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal intenção deste trabalho não foi ampliar o debate que há muito rodeia o universo que envolve as pesquisas qualitativa e quantitativa em Ciências Sociais/Psicologia, nem discutir sobre instâncias filosóficas que norteiam os dois tipos de análise, as quais englobam perspectivas que estão fundamentadas em aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos. Antes, a intenção foi oferecer ao leitor, com pouca (ou nenhuma) experiência em pesquisa e com conhecimento superficial dos diferentes tipos de análise, condições de se tornar um consumidor mais informado sobre o assunto, de modo a ter um entendimento mais amplo sobre o tema, pelo menos uma compreensão básica do que é pesquisa qualitativa e quantitativa, e assim evitar cair na armadilha de que um tipo de pesquisa é melhor que outro.

É relevante destacar que uma postura equivocada traz implicações de natureza prática, empírica e técnica, e o pesquisador, dentro do seu contexto disponível para pesquisa – material, temporal e pessoal – tem a tarefa de encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica que o permita chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno sobre o qual se debruça.

Em outras palavras, se existem diferentes paradigmas, abordagens, técnicas, instrumentos, etc., dos quais se pode lan-

çar mão ao se delimitar, com os critérios próprios da investigação científica, o problema de pesquisa, por que ficar engessado no singularismo metodológico e das técnicas de análise, quando o que se pretende é a “qualidade” da pesquisa, na tentativa de extrair o conhecimento máximo sobre o fenômeno estudado?

REFERÊNCIAS

- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: Evitando confusões. In: Bauer, N. C.; M. W.; Gaskell, G. (Eds.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático (pp. 17-36). Petrópolis: Vozes.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (s/d). Das interseções quantitativo x qualitativo. Texto não publicado.
- Bourdieu, P., Chamboredon, J. & Passeron, J. (2004). Ofício de sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Caldas, M. T., Arcoverde, R. L., Santos, T. F., Lima, M. S., Macedo, L. E. M., & Lima, M. C. (2009). Condutas autolesivas entre detentas da Colônia Penal Feminina do Recife. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14, 575-582.
- Cotrim, G. S., Fiaes, C. S., Marques, R. L., & Bichara, I. D. (2009). Espaços urbanos para (e das) brincadeiras: um estudo exploratório na cidade de Salvador (BA). *Psicologia: Teoria e Prática*, 11, 50-61.
- Couto, L. F. (1999). Feyerabend e a máxima do “tudo vale”: a necessidade de se adotar múltiplas possibilidades de metodologia na construção de teorias científicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 12, 585-603.
- Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. California: Sage publications.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (1994). Introduction: Entering the field of qualitative research. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 1-17). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minayo, M. C. S. (1993). Qualitativo-Quantitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9, 239-262.
- Newman, I., & Benz, C. R. (1998). *Qualitative-quantitative research methodology: exploring the interactive continuum*. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative Evaluation Methods*. Beverly Hills: Sage.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Torquato, R., Massi, G. & Santana, A. P. (2011). Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 24, 89-98.

Quadro 1: Pesquisas envolvendo diferentes instrumentos e análises.

Artigo ³	Instrumentos	Análise de dados
Conduitas autolesivas entre detentas da Colônia Penal Feminina do Recife	Questionários Entrevistas semidirigidas Diário de campo	Qualitativa Quantitativa
Espaços urbanos para (e das) brincadeiras: um estudo exploratório na cidade de Salvador (BA)	Registros fotográficos	Qualitativa Quantitativa
Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade	Questionário (questões abertas)	Qualitativa Quantitativa